



EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA: MULTIPLICIDADES DO LUGAR ESCOLAR

Rogério Borges

borgesrioclaro@gmail.com¹

Andréa Aparecida Zacharias

andrea@ourinhos.unesp.br²

Lizandra Mayara de Oliveira Teixeira

Oliveira19liz@gmail.com³

Resumo

O presente artigo é resultado parcial da pesquisa de mestrado intitulada “A linguagem cinematográfica no estudo do lugar”, que propõe uma metodologia com cinema para o ensino de Geografia a partir do conceito de lugar, segundo Doreen Massey (2008). A pesquisa consiste na elaboração, produção e aplicação da versão cinematográfica do projeto “Diferentes linguagens no estudo do lugar: propostas e diálogos para Atlas Municipal Escolar”, que está sendo desenvolvido com o apoio colaborativo dos discentes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID Geografia – UNESP Ourinhos (Núcleo Escola Racanello). Para tal, num primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica buscando compreender o fenômeno do surgimento da fotografia no século XIX, seguida da invenção do cinema e seus desdobramentos no século XX. Em seguida, buscamos analisar os olhares dos alunos dos 8ºs anos do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.ª Adelaide Pedroso Racanello, na cidade Ourinhos-SP, através de oficinas de fotografia e dispositivos sugeridos para a captação de imagens pelos próprios alunos com seus celulares. E, posteriormente, num terceiro momento, os alunos apresentaram as fotografias que produziram na escola aos demais colegas de classe, proporcionando uma roda de conversa sobre as imagens por eles registradas. Os resultados obtidos apresentaram uma vasta amplitude de olhares e concepções sobre o lugar escolar, abrindo assim caminhos para novos trabalhos nesse sentido, nos quais as imagens possam ser incorporadas como uma forma de representação validada pelo olhar do sujeito, revelando a multiplicidade dentro do espaço e ambiente escolar.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia . Campus de Rio Claro/SP;

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Docente do Curso de Geografia - Campus de Ourinhos/SP. Docente no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Campus de Rio Claro/SP;

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Campus de Ourinhos/SP. Graduanda no Curso de Licenciatura/Bacharel em Geografia

Palavras-chave: cinema, ensino de geografia, fotografia, lugar

Introdução

As mudanças ocorridas no sistema produtivo após a primeira Revolução Industrial trouxeram uma série de sucessões técnicas que buscavam representar e reproduzir a realidade da maneira mais verossímil possível. Ao longo do século XIX, com a contribuição de diversos inventores, a fotografia foi ganhando maior expressividade e, conseqüentemente, se consolidando como uma forma de representação eficaz.

Durante todo o século XX a fotografia evoluiu em grande escala, bem como a imagem-movimento, fundindo arte e tecnologia em descobertas cada vez mais ousadas, que interagiam com o cérebro humano, afetando a percepção individual e coletiva em diversas partes do mundo.

Com a democratização tecnológica ocorrida no final do século XX e início do século XXI, as possibilidades de se trabalhar com recursos audiovisuais em educação foram potencializadas pela facilidade do acesso aos aparelhos digitais. Contudo, a lentidão ou inexistência de políticas e metodologias que incorporassem a tecnologia como recurso pedagógico, fez com que a prática cotidiana escolar ficasse obsoleta em comparação à realidade dos alunos contemporâneos.

O presente trabalho é uma tentativa de criar caminhos em direção a uma alfabetização geográfica múltipla, que considere diversas linguagens na composição do pensamento espacial e na leitura das paisagens. A proposta é uma abertura quanto às formas de se trabalhar os conceitos geográficos e, com isso, potencializar o desenvolvimento dos educandos de maneira mais ampla, onde as diversas linguagens se complementam, compreendendo a dissociação entre forma e conteúdo, já que um interfere no sentido do outro e vice-versa.

Inicialmente, abordaremos a experiência com as rodas de conversa debatendo a influência das imagens na nossa vida, para posteriormente apresentar a prática com captação de fotografias e a análise de algumas obras de arte produzidas pelos alunos. A instrumentalização através das câmeras dos celulares junto com a liberdade de fotografarem o que quisessem, foram as bases



metodológicas desta etapa da pesquisa. A ausência de um direcionamento para a busca das imagens foi uma estratégia para buscar interferir o mínimo possível na liberdade de escolha e composição dos olhares fotográficos.

Na última parte, analisaremos alguns resultados enquanto objetos artísticos, sem a pretensão de concluir o debate, mas sim contribuir para a abertura de um campo necessário e promissor: a interface entre arte e Geografia.

Um celular na mão e uma ideia na cabeça: as multiplicidades do lugar escolar

Partindo da máxima do diretor baiano Glauber Rocha, que afirmava que para fazer Cinema era necessário apenas “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, lançamo-nos em busca da materialização dessas ideias a partir do uso de fotografias, adotando como estudo de caso as cinco turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Adelaide Pedroso Racanello, localizada na cidade de Ourinhos-SP.

Revelando olhares dos próprios alunos, nosso objetivo pautava-se em duas questões. Por um lado, abrir horizontes para a utilização didática das linguagens fotográfica e cinematográfica, a partir das ferramentas disponíveis em cada contexto social que, neste caso, foi o lugar de vivência escolar do aluno. E, por outro, trabalhar a “educação dos olhos”, como uma forma de desenvolver a habilidade da leitura de mundo através das paisagens que nos cercam, uma alfabetização imagética indispensável para a formação do cidadão crítico através da Geografia, uma vez que:

[..] educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós [...] (OLIVEIRA JR, 2009, p. 19).

Sem desconsiderar a importância da interpretação de fotografias disponíveis em livros didáticos e apostilas, optamos por partir da captação de um instante, a partir do olhar do próprio educando, tornando-o um agente ativo no trabalho com fotografias. Acreditamos que a partir do despertar dos alunos enquanto “fotógrafos”, no sentido de produtores de fotografias e não no sentido profissional do termo, suas novas leituras seriam mais

aprofundadas, pois poderiam envolver questionamentos da realidade captada, para além da imagem materializada, como por exemplo: o que o fotógrafo pensou para fazer essa foto?; qual a intenção por trás da imagem?; que lugar é esse e porque essa foto foi tirada dessa forma?, tornando-o um investigador crítico diante da imagem por eles registrada.

Passini (2012) questiona esse papel do aluno na educação tradicional:

“[...] como investigador crítico, qual o futuro de um aluno mantido em sua passividade, sem refletir, interpretar, analisar, comparar ou fazer a síntese que ouve, memoriza e reproduz, sem utilizar o próprio pensamento em sua leitura de mundo? Para que o ser humano se engaje na reconstrução do espaço-sociedade, é preciso que seja antes de mais nada um geógrafo crítico e reflexivo, um leitor competente do espaço e de sua representação” (PASSINI, 2012, p. 57).

A escolha pela primeira atividade com fotografias ser restrita ao ambiente escolar, nos permitiu avaliar/analisar quantas visões poderiam obter acerca de um mesmo lugar que todos compartilhavam como vivência coletiva e cotidiana: a escola.

Na busca por instigar os educandos a se tornarem captadores da realidade que os cercam, realizamos uma roda de conversa inicial, trabalhando com duas turmas simultaneamente. A atividade foi divulgada para as cinco salas do 8º ano da escola e a participação foi de livre escolha, de forma que os alunos que preferiram ter a aula nos moldes tradicionais, com a professora efetiva, tiveram sua vontade respeitada.

No total tivemos aproximadamente 80 alunos interessados, somando as cinco salas. A atividade foi realizada em dois blocos com duas turmas de 40 alunos, utilizando o tempo de duas aulas de Geografia. Para melhor mediar a atividade, foram subdivididos em dois grupos de vinte alunos que contaram o apoio de cinco universitários no monitoramento, alunos do Programa De Iniciação à Docência – PIBID Geografia da Unesp de Ourinhos/SP⁴ (figura 1).

⁴ Vale destacar que os graduandos participantes do PIBID Geografia Ourinhos, foram anteriormente capacitados por uma oficina de introdução ao Cinema e, assim, com a metodologia e os pressupostos teóricos bem definidos, para trabalharmos de forma colaborativa em sala de aula.



Figura 1 - Graduandos do PIBID durante o debate na roda de conversa sobre imagens
Foto: Rogério Borges (2019)

Durante a conversa explicitamos como as imagens influenciam na nossa percepção de mundo, bem como no nosso desenvolvimento enquanto indivíduos, abrindo caminhos para pensarmos nas intenções e potencialidades de todas as imagens que nos cercam cotidianamente, seja por meio de celulares, televisão, adesivos, propagandas de rua, etc (figura 1).

A atividade proposta consistia na captura de uma imagem dentro da escola, por meio do uso de dispositivos móveis (celular) que revelasse um olhar único sobre algum espaço físico que tivesse um significado para o educando, no qual compreendemos como sendo uma visão pessoal sobre o lugar escolar.

A grande maioria dos alunos possuía um aparelho celular, e com os que não possuíam, conseguimos organizá-los em dupla, sem que isso criasse uma situação de constrangimento ou mesmo segregação. Neste momento, os celulares dos graduandos também estavam disponíveis para o uso. Todavia, não foi necessária sua utilização em decorrência da grande oferta de aparelhos dos próprios alunos (figura 2).

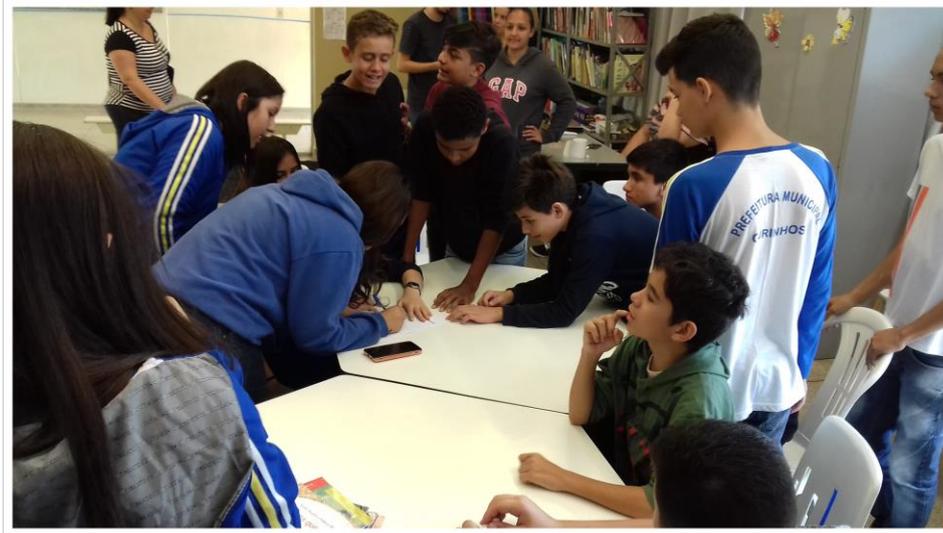


Figura 2 - Alunos se organizando em duplas de acordo com a necessidade e disponibilidade de celulares
Foto: Rogério Borges (2019)

Após a roda de conversa iniciamos uma exploração com observação do meio pela escola, em busca de novos olhares a respeito daquele espaço de vivência escolar. Os alunos se dispersaram em vários blocos, ocupando áreas incomuns ao cotidiano escolar (figuras 3 a 9). A liberdade de escolha foi um fator significativo para o empenho da turma em realizar a atividade proposta.



Figuras 3 a 9 - Alunos em diferentes espaços escolares em busca de imagens
Fotos: PIBID / UNESP Ourinhos (2019)

Resultados e Discussões

Tendo como base a proposta metodológica supracitada, as discussões a seguir versam alguns resultados obtidos com os registros fotográficos - as fotografias - captados pelos alunos, no qual nos é possível analisar caminhos para interpretações e debates, revelando a diversidade de concepções que podemos encontrar em turmas da mesma faixa etária.

As figuras (10, 11, 12, 13, 14, 15), as quais destacam as tabelas de basquete e as duas quadras esportivas da escola, foram destaques nas fotografias de uma parte considerável dos



Figuras 10 a 15 - Tabela de basquete e quadra da escola em diferentes ângulos e enquadramentos
 Fonte: Alunos participantes das oficinas de fotografia PIBID / UNESP Ourinhos (2019)

alunos (aproximadamente 15% do total). Assim, na roda de conversa notamos que o espaço esportivo geralmente é visto pelos alunos como um ambiente agradável e de lazer, assim estabelecendo uma afetividade coletiva. O enquadramento de baixo para cima é chamado de “contra-plongê” no Cinema, e usualmente revela uma inferiorização do observador frente ao objeto revelado. As duas imagens do aro de basquete de baixo para cima revelam um plano “contra-zenital”, e sugerem uma preocupação desses alunos com a geometria e simetria do plano. Por outro lado, cartograficamente esses registros iconográficos (as fotografias), também embutem conteúdos geográficos, onde é possível observar que os registros do espaço de vivência também estabelecem relações espaciais (topológicas, projetiva e euclidiana). Pela faixa etária, onde já são assimiladas as relações euclidianas, os alunos nestes registros iconográficos, procederam aos seguintes conceitos:

a) registro do espaço, apresentando fotos com visão vertical, lateral e oblíqua dos lugares de vivência e;

b) a noção de escala iconográfica, a partir dos registros com proporcionalidades, sendo que aqueles que tiveram uma visão frontal de longe, proporcionando um conjunto de informações no registro, permitiram termos uma escala iconográfica pequena; ao passo que

aqueles que tiveram uma visão frontal de perto, proporcionando detalhes do registro, possibilitou uma escala icnográfica grande.

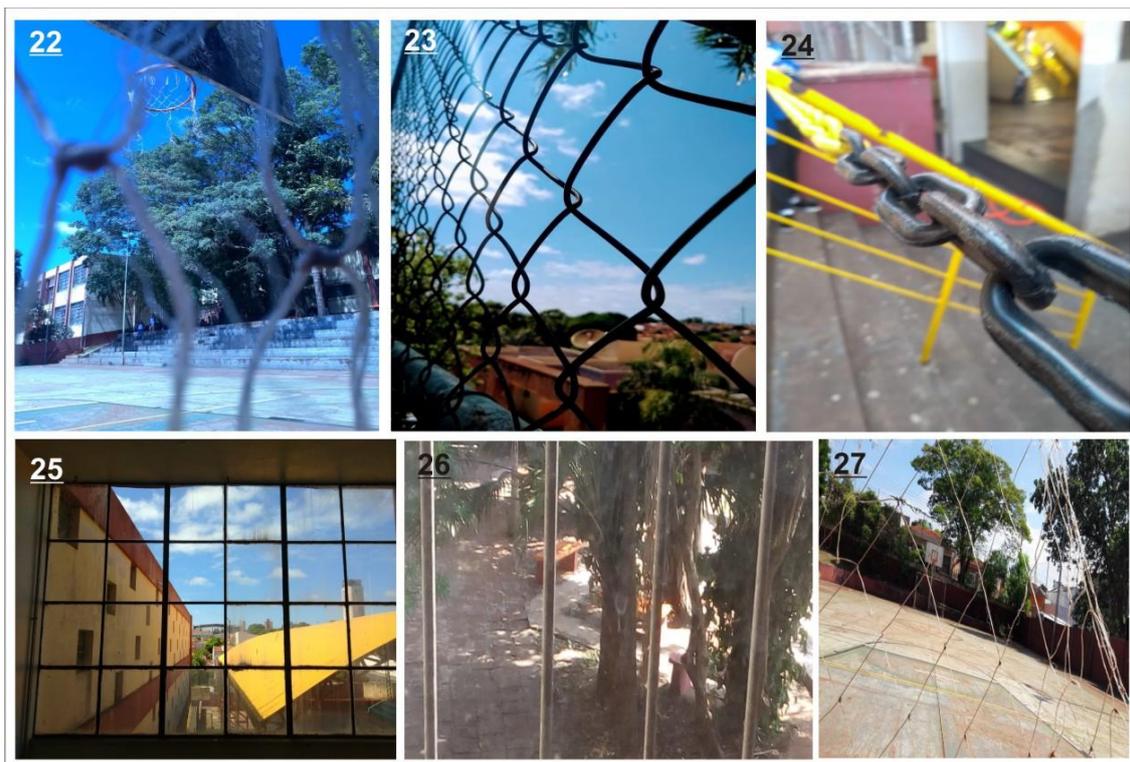
Paralelamente, os registros com plantas, flores e a natureza em geral, também tiveram destaque na temática das fotografias (cerca de 30% aproximadamente dos registros) – Figuras de 16 a 21. Sobre esta escolha, quando provocados a justificar a escolha do objeto fotografado, os alunos explanaram seu interesse em fotografar o “belo”, o que “embeleza e dá vida”, além das “coisas bonitas” da escola, nos quais em suas visões foram representados pelas diferentes flores e verdes que compunham os jardins, revelando uma afeição de carinho pelo ambiente de vivência escolar.



Figuras 16 a 21: Plantas, flores e árvores.
Fonte: Alunos participantes das oficinas de fotografia PIBID / UNESP Ourinhos (2019)

Já o destaque para as texturas compostas por grades e telas (com aproximadamente 25% das imagens registradas) – figuras 22 a 27 - materializou as barreiras do sistema escolar, muitas vezes expressas em regras de comportamento, na falta de diálogo, nas relações hierárquicas dentro da comunidade escolar, dentre outros inúmeros caminhos que poderíamos percorrer

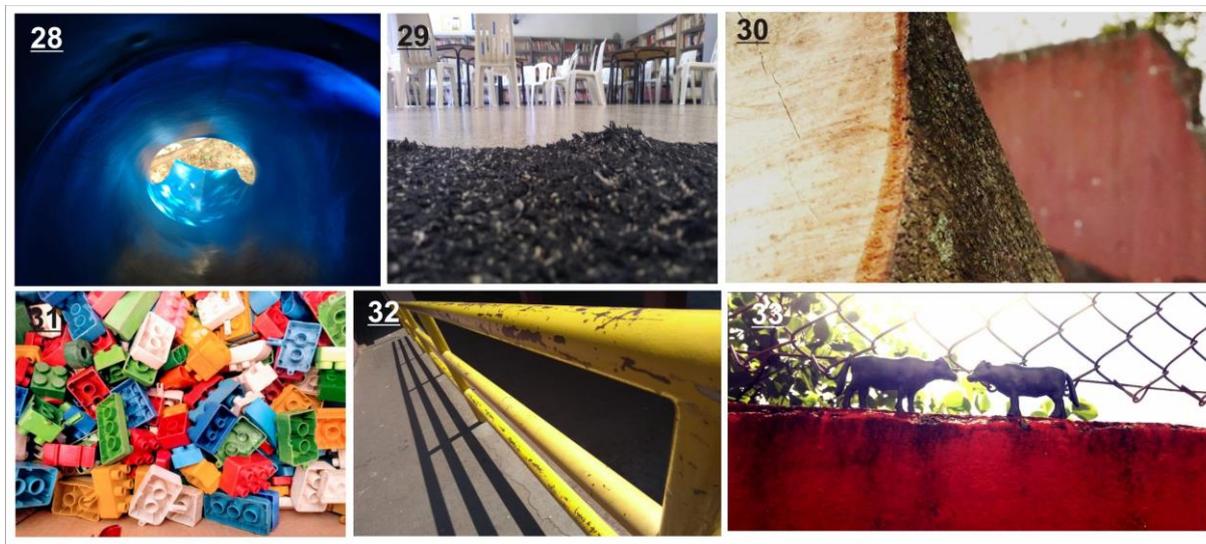
para aprofundar nessa discussão. Quando questionados, os alunos não sabiam ao certo justificar a escolha frente a professora, e isso pode também nos dizer muita coisa.



Figuras 22 a 27: Grades e cercamentos no espaço escolar

Fonte: Alunos participantes das oficinas de fotografia PIBID / UNESP Ourinhos (2019)

Um outro grupo foi composto por imagens incríveis (cerca de 30% aproximadamente), explorando cores, formas, perspectiva, texturas, profundidade, etc. Nos registros iconográficos realizados por esses alunos em etapas posteriores da pesquisa, houve uma reincidência quanto à singularidade da linguagem, com fotografias com grande primor estético, mas de difícil classificação por temas. Quando questionados sobre as razões e explicações das imagens na roda de conversa, eles não sabiam responder às perguntas, apenas disseram que “tiveram vontade de fazer assim”, o que pode revelar um pensamento em linguagem imagética para além da explicação verbal, uma potencialidade não dotada de uma intencionalidade consciente.



Figuras 28 a 33: Formas para além da explicação

Fonte: Alunos participantes das oficinas de fotografia PIBID / UNESP Ourinhos (2019)

Considerações finais

A pesquisa de mestrado “A linguagem cinematográfica no estudo do lugar” apresenta várias etapas da interface entre Cinema e Geografia, como possíveis caminhos para a utilização de novas linguagens no processo pedagógico. A diversidade de olhares revelada através dos enquadramentos, cores, temas e estilos de capturas, indica que, mesmo estando num ambiente escolar em comum, cada sujeito possui uma forma única de organização e representação espacial.

A utilização de certos padrões cinematográficos nas imagens demonstra um domínio inicial da linguagem, mesmo que inconsciente e ainda desorganizado. Os resultados apresentados reforçam a necessidade de nos apropriarmos das ferramentas tecnológicas para lapidarmos novas formas de pensar a Geografia, a fim de lermos os diferentes lugares no mundo, incorporando, além da linguagem cinematográfica (audiovisual), todos os recursos disponíveis e possíveis dentro de cada realidade escolar.

Porém, não se trata de acreditar que a tecnologia seja a saída para os problemas políticos e estruturais que têm sucateado o sistema educacional gradativamente. É vasta a gama de pesquisas que evidenciam a intenção do Estado em precarizar o ensino público, sobretudo para a população mais carente. Da mesma maneira, é consenso que o único terreno fértil para construir uma mudança significativa seja o “chão da escola”, e pretendemos através desta pesquisa apontar caminhos para estabelecer conexões possíveis e novas linguagens, para

ajudar educadores a compreenderem e habitarem todas as dimensões possíveis do lugar chamado escola.

Agradecimento

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio para a realização desse trabalho.

Referências bibliográficas

BERDARNET, J-C. **O que é Cinema**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MASSEY, D. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., W. M. Dossiê: a educação pelas imagens e suas geografias. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009

OLIVEIRA JR., W. M. Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares? **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 67-84, maio 2016.

PASSINI, E. Y. PASSINI, R. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. Cortez Editora. São Paulo, 2012